

O passado desfila nas calçadas

Antes da capital chegar, a vida transcorria calma. Antigos moradores lembram da juventude, do cheiro de canela -de -ema que invadia as ruas, da segurança de uma cidade pacata

RACHEL LIBRELON

DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Paulo H. Carvalho/CB



Saudade do tempo das flores

“Tenho muita história para contar, não. Cheguei em Planaltina faz pouco tempo”. É assim que Georgina Oliveira, 82 anos, começa a contar a trajetória dos 32 anos em que vive na cidade. Ela e a irmã, Maria Oliveira, 91 anos, elegeram Planaltina como a cidade para envelhecer. “Minha sobrinha falou que era um lugar tranqüilo, e aí veio”, lembra Maria.

Deixaram o hotel que tinham no Núcleo

Bandeirante para abrir um outro em Planaltina. Há duas décadas resolveram deixar o negócio, e curtem a tranqüilidade na casinha antiga, ao lado no Museu. A lembrança é dos tempos em que se podia andar na rua sem muito cuidado ou atenção. O caminho para a igreja era o mais movimentado. “Mas saudade mesmo tenho dos tempos que eu enxergava as flores e as pessoas dessa cidade”, emociona-se a irmã mais velha.

Ao som da viola caipira

Contar histórias, às vezes em verso, ao som da viola caipira, faz parte da rotina do dançador de Catira, Erasmo de Castro, 74 anos. Nascido em Planaltina, no cenário das lembranças de seu Erasmo, as ruas são cobertas por canela-de-ema e cascalho. Meio de transporte é carro-de-boi, carroça e, claro, lombo de cavalo. Ele ainda era menino de “calça curta”, quando ouviu os primeiros comentários de que, um dia, a capital seria transferida para o interior do Brasil.

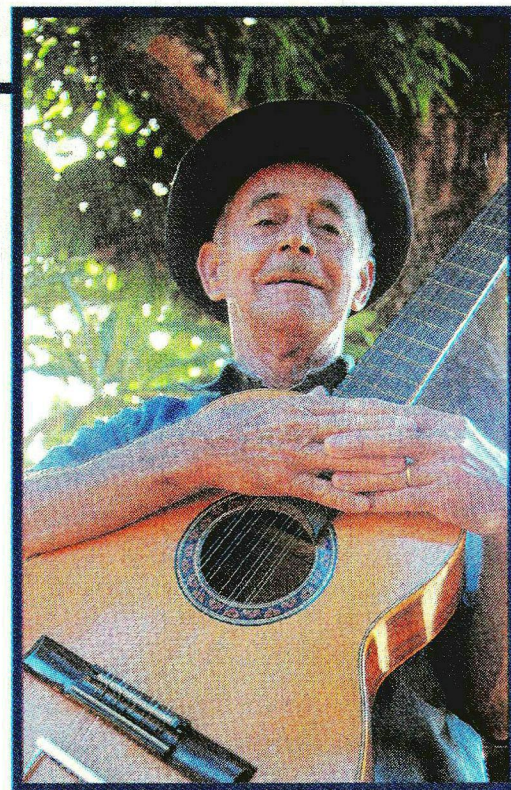
“Meu pai, Viriato de Castro, era um dos guias da Missão Cruls. Ele dizia, que essa história de Nova Capital era coisa que só os netos veriam”, lembra. O pai falava que quando o governo mudasse para o interior, ninguém seria dono de mais nada, tudo seria desapropriado e só os governantes poderiam decidir o que fazer com toda aquela terra. Não se entendia muito bem o que o homem que acompanhou a delimitação dos limites do Distrito Federal queria dizer.

Foi aos dez anos que o menino Erasmo aprendeu a tocar a viola caipira. A mãe tinha um conservatório e,

para manter a filharada dentro de casa, comprou instrumentos musicais. O castigo para quem insistisse em desobedecer: ficava proibido de tocar música.

O velho catireiro, com jeito de moço galante, lembra emocionado que foi batizado, casou-se e fez bodas de ouro na mesma antiga Igreja de São Sebastião, restaurada há pouco mais de um ano. A calçada do “Vai e vem” é outra lembrança do tempo em que as moças e os rapazes andavam nos lados opostos da rua, para paquerar. Não se podia nem pensar em passar o outro lado. Os romances começavam — e por vezes terminavam — apenas nas trocas de olhares.

Sempre com um chapéu na cabeça, seu Erasmo só tira o adorno quando entra dentro de casa. Filho de uma época em que, na cidade, homem feito não usava bermuda, ele se lembra que para namorar, os sapatos precisavam estar tinindo, e a moda era o tecido “Albene”. “Quando a capital chegou, a gente quis muito ter eletricidade, rede de esgoto e rua calçada. Mas hoje acho que o pagamento do conforto é caro demais”.



Conversa na porta de casa

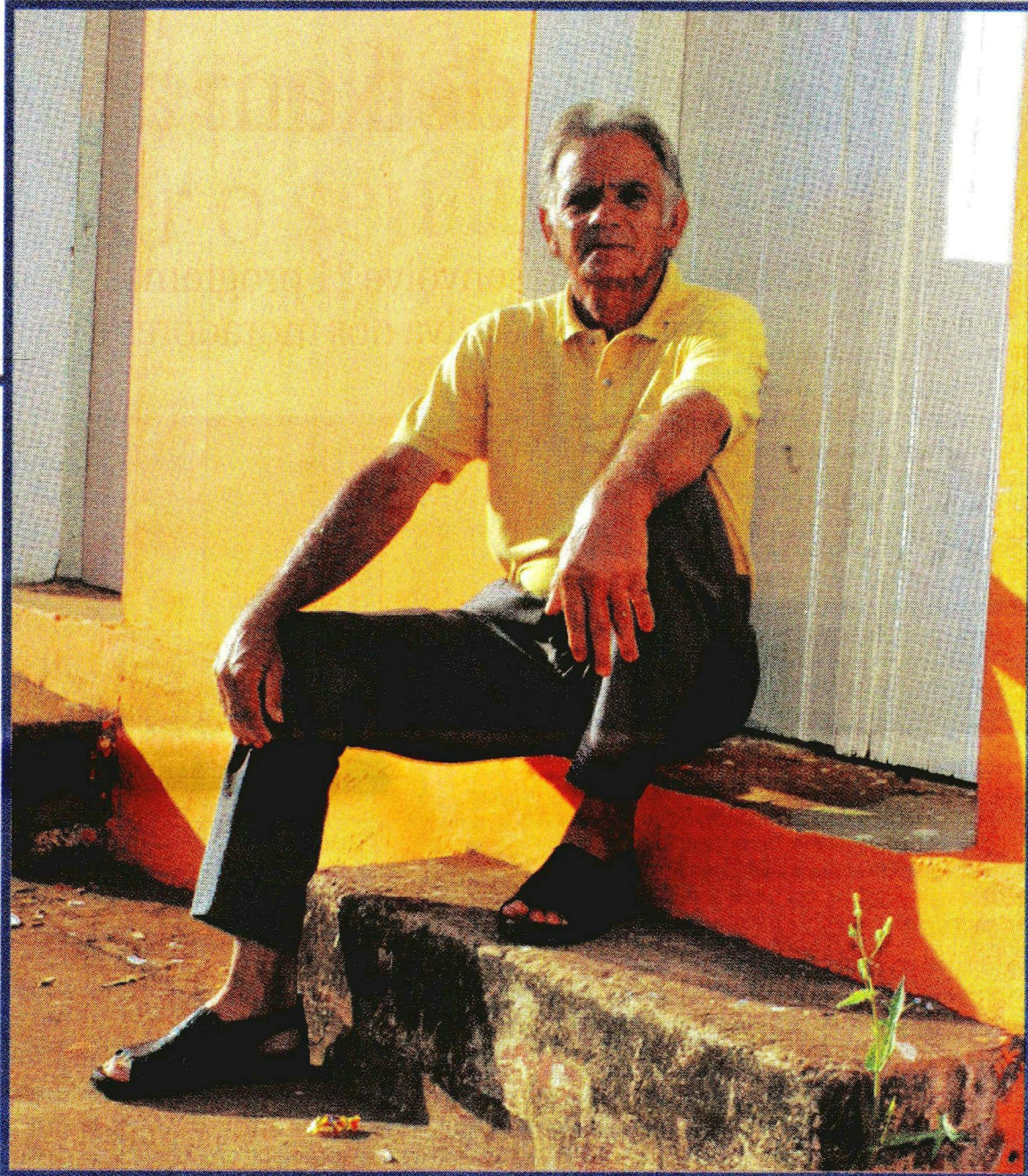
Brasília já completava seu quinto aniversário quando a energia elétrica chegou à Planaltina. A jornalista Auricelina Caldeira, 61 anos, lembra do tempo em que a cidade era abastecida por um motor a diesel.

Conversa boa era aquela na porta de casa, vendo o vai e vem dos vizinhos. Não tinha grade nem portão, a visita ia entrando e só se anunciava quando já estava no meio da sala.

Pomar não era artigo de luxo. Cada um podia cultivar no fundo de casa seu pé de manga, acerola, goiaba... Mas até os cinco anos de cidade, Celina, como prefere ser chamada, não aproveitava as delícias de se viver em um local repleto de cores e sabores. Por causa de uma paralisia infantil, a menina não podia andar. Voltou de São Paulo depois de mais de dez anos de tratamento, andando com a ajuda de aparelhos.

“Eu estava lá, mas queria muito voltar. Tinha muita saudade da família, da minha gente”, lembra. Era década de 60 quando Celina colocou os pés de novo em Planaltina. O pai, Thomaz Caldeira Nunes, começava a ganhar dinheiro na fabricação de tijolos na Cerâmica Bom Jesus. As primeiras casas da W3 Sul foram construídas com os produtos da fábrica da cidade mais antiga do Distrito Federal.

Estudiosa, Celina fez parte da turma pioneira do Ginásio de Planaltina. Era o primeiro ano em que se podia completar os estudos sem sair da cidade. O curso de economia doméstica, ela concluiu na W3 Sul, e a graduação em jornalismo no Ceub. O ônibus para o Plano Piloto vinha de Formosa e, de tempos em tempos, simplesmente passava por fora da cidade, deixando os passageiros em uma espera eterna. “Até o dia que a mamãe quebrou a única ponte por onde se podia atravessar fora da cidade. Nunca mais o motorista deixou de entrar em Planaltina”, conta.



Paletó de linho, lamparina acesa...

Brasília era só Cerrado quando o militar João de Souza Lima, 66 anos, chegou no Planalto Central para ajudar na construção da Capital. Era 1957. Dois anos depois, Souza Lima, como é mais conhecido, saiu do exército e entrou para a Guarda Especial de Brasília (GEB). Foi quando passou a viver em Planaltina. A cidade não tinha mais do que quatro mil habitantes, era um arcaico vilarejo.

“A gente dormia sem trancar a porta. As conversas na rua duravam até tarde, sem ninguém para incomodar”, lembra. A iluminação era feita com um motor, sob a responsabilidade do Departamento de Força e Luz — Defele. Por volta das 22h a cidade ficava totalmente às escuras. Às vezes, as luzes nem chegavam a acender, por sobrecarga no gerador. Ficar acordado até mais

tarde, só com lamparina.

Ir para o Plano Piloto era uma verdadeira epopéia. Até o início dos anos 60, nenhum ônibus fazia a linha Brasília-Planaltina. Quem quisesse fazer o percurso tinha que pagar passagem até Formosa. Comprar o bilhete também não era garantia de conforto. “O ônibus era tão cheio, mas tão cheio, que eu já cheguei a viajar no bagageiro que ficava no teto”, lembra.

Criado em um tempo em que estar com o visual alinhado era literalmente usar linho, Souza Lima recorda que roupa de sair tinha que ser engomada e passada com esmero. “Engraçado que quando a roupa rasgava, a gente jogava fora. Hoje, quando a roupa está rasgada é que está na hora de comprar”, brinca o simpático pioneiro.